

tomou a iniciativa de convocar a Washington uma conferencia de desarmamento. Para os outros continentes, uma politica de desarmamento e de paz americana e de paz mundial. Com o fim de estabelecer sua dominacao sobre a America Latina e os paises economicos - a diplomacia do desarmamento.

Assim, enquanto o Sr. Hoover convoca a Washington uma conferencia de desarmamento, para os outros continentes, uma politica de desarmamento e de paz americana e de paz mundial. Com o fim de estabelecer sua dominacao sobre a America Latina e os paises economicos - a diplomacia do desarmamento.

E' pela necessidade para assegurar o futuro da obra de Washington, contra as tentativas do capitalismo americano.

Alia Guillan

NOSSAS REVISTAS

Esta a saber de presto a primeira publicacao da revista que vamos editar. E' o trabalho do nosso camarada Christovao Cordeiro, intitulado

Doutrina e doutrina

A seguir editaremos:

Os anarquistas e a experiencia da

Revolução Russa

brochura de grande quantidade, por Victor Serge.

MOVIMENTO COMMUNISTA



SUMARIO ESTUDIO

Não nos desiludamos com a situação atual da Revolução Russa... Victor Serge

O comunismo e a situação atual da Revolução Russa... Ch. Reppoport

A politica da Revolução Russa... Karl Radek

A situação operaria na Persia... X. Eidus

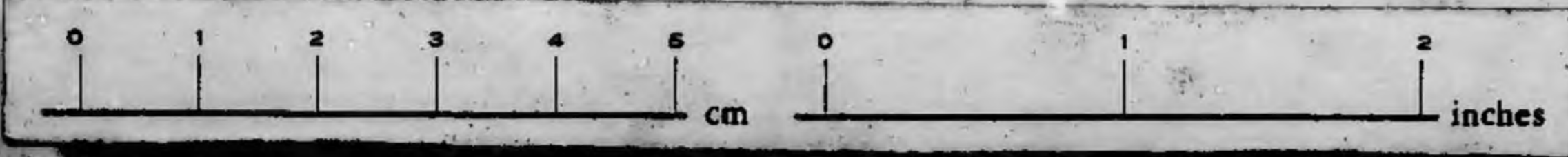
A família comunista...

Anno I

RIO DE JANEIRO
MARÇO
1922

Num. J





MOVIMENTO COMMUNISTA

Mensario de doutrina e informação internacional

ASSIGNATURAS

12 mezes	10\$000
6 mezes	5\$000
Numero avulso	\$300

As assignaturas são pagas adiantadamente, começando em qualquer tempo.

ATENÇÃO— Ha de estranhar-se, á primeira vista, que a assignatura annual do Movimento Communista custe 10\$000, quando o numero avulso custa apenas \$300. E' facil de explicar. Primeiro, que consideramos as assignaturas, naturalmente só tomadas pelos interessados na manutenção da revista, como um auxilio directo á mesma; segundo, que as despesas postaes são enormes, como poderão verificar-o nossos assignantes.

NOTA—A's pessoas que receberem este numero do Movimento Communista e que, não tendo ainda satisfeito suas assignaturas, deixem de nos remetter as respectivas importancias até 10 de abril proximo, avisamos que lhes será suspensa a remessa da revista, a partir do n. 4, salvo aviso em contrario.

Toda a correspondencia, com ou sem valor, destinada ao Movimento Communista deve ser endereçada exclusivamente para :

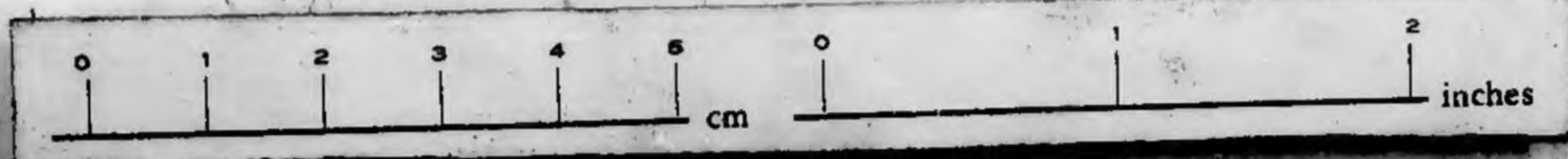
O. Lacerda
Rua S. Jorge, 68
Rio de Janeiro.

NÃO NOS ASSUSTEMOS COM O DEBATE

A fundação de nossos grupos communistas, primeiro passo para a proxima e definitiva constituição do Partido Communista brasileiro, tem suscitado, como não podia deixar de ser, uma viva e renhida celeuma em nossos meios obreiros. Isso está na ordem natural das coisas, e é um bem que assim seja. Esse embate de idéas, esse confronto de ideologias, essa diversidade de pontos de vistas, antes de mais nada denotam vitalidade e bravura. Alguns camaradas, timoratos ou pouco perspicazes, assustam-se e desgostam-se com a refrega aberta entre companheiros de hontem. Não ha de que. Ao contrario, amigos, regozijemo-nos com isso!

E entendamo-nos. A grande guerra poz em desequilibrio não sómente o mundo capitalista, mas também o mundo proletario. Com uma differença: que o desequilibrio do mundo capitalista é um desequilibrio mortal, de decadencia de valores, ao passo que o desequilibrio do mundo proletario é um desequilibrio vital, de renovação de valores. A crise do mundo capitalista é uma crise de agonia; a crise do mundo proletario é uma crise de parto. Deixemos, porém, de parte a crise do capitalismo, que não vem agora ao caso, e vejamos, rapidamente, em linhas geraes, que formas e manifestações tomou a crise do proletariado.

Podemos dividil-a em duas phases. Primeira, ocasionada logo de começo pela guerra propriamente. Esta primeira phase se caracterizou pelo deslocamento do movimento operario do plano internacional para o plano nacional. A "união sagrada" tomou o lugar do postulado: "proletarios de todo o mundo, uni-vos!" Os partidos socialistas e as organizações syndicalistas e anarchistas renegaram, pela bocca de seus chefes e pela acção de suas massas, aquelle postulado, arrojando-se uns e outros nos exercitos da "defeza nacional" e massacrando-se mutuamente nos campos de batalha. Só uma pequena minoria das tres fracções proletarias resistiu ao embebedamento guerrista e nacionalista, mantendo alto, embora debilmente, o pendão da Internacional. Segunda phase, marcada com o rebentar da Revolução Russa, seu fulminante desenvolvimento e sua transmutação de politica em social com o advento do bolchevismo. Esta segunda phase, ainda accentuada com as revoluções nos Imperios Centraes, precipitou a crise. Aquella pequena minoria internacionalista foi pouco a pouco tomando maior vulto, engrossando suas fileiras, até



constituí-se, de algum modo, o elemento novamente preponderante, não pelo número, pelo prestígio de sua acção e suas actividades mundiaes. A III Internacional, constituída em 1919, concretizou esse movimento.

E a crise tomou, assim, uma feição decisiva. Os partidos socialistas se fraccionaram nitidamente, em scisões completas e absolutas: as esquerdas ingressando na Internacional de Moscú e as direitas permanecendo onde estavam, a montar guarda ao cadáver da II Internacional. As organizações syndicaes igualmente se scindiram, não organicamente, ideologicamente: as esquerdas pela dictadura do proletariado e as direitas contra, aquellas constituindo-se em Internacional Syndical Vermelha e estas continuando na Internacional de Amsterdam. (Deixo de parte aqui, por secundario, o dualismo existente, nas esquerdas syndicaes, em torno do criterio "politico" e "a-politico" do movimento). Igualmente as agrupações anarchistas se fraccionaram: umas por Moscú, outras contra Moscú.

Tal, em synthese ligeira, o desenvolvimento da crise mundial do proletariado.

Ora, pois que o phenomeno, por sua mesma natureza, é fundamentalmente um phenomeno internacional, não podia o Brazil escapar á crise e seus effeitos. O meio brasileiro é, porém, um meio singular. Nunca houve aqui partidos ou correntes systematicas propriamente socialistas. Todo o movimento proletario revolucionario no Brazil tem soffrido só a influencia quasi que exclusiva dos anarchistas. Assim, entre nós, a crise tem sido e é uma crise de anarchismo. Esta crise, latente desde o advento do bolchevismo, chega a um desfecho logico, com a constituição do partido communista composto, em sua quasi totalidade, de elementos de formação anarchista.

A ceceia actual nada mais é que a expressão inevitavel dessa crise. E por isso mesmo, saudavel, revigoradora, fecundissima. É necessario que os campos se definam e se delimitem nitidamente. Só assim poderemos viver, uns e outros. A confusão é que é pernicioso, por entorpecedora, desorientando a uns e a outros. Não nos assustemos, pois, com o debate. Mantenhamol-o e sustentemol-o, antes, com energia e desassombro. E sobretudo com elevação de vistas, com superioridade de animo, com lealdade — cousas que não excluem, ao contrario: dignificam, a vehemencia o ardor, a paixão. Deixemos, isso sim, os vis processos de intriguihas e diffamações aos eternos incapazes e impotentes, hontem como hoje dignos apenas de desprezo e commiserção... *Astrojildo Pereira*

DOS JACOBINOS DO ANNO III AOS BOLCHEVISTAS DE 1917

Desde longa data que os militantes do proletariado celebram annualmente, como um rito obrigatorio, a memoria da Communa martyr de Paris.

Encarado sob um ponto de vista puramente sentimental, o sacrificio de 20.000 ou 30.000 victimas da "restauração da ordem" burgueza impõe-se á memoria daquelles que respeitam as aspirações dos trabalhadores em luta legitima pela sua liberdade. E visto que a Communa, durante os seus tres meses de existencia arvorou a bandeira vermelha da Republica Internacional, é para todos aquelles que se congregam sob essa bandeira um ponto de honra guardar a lembrança da Communa.

I. — AS THEORIAS DA COMMUNA.

Foi expontaneamente que a Guarda Nacional mobilizada durante o assédio e composta, em grande parte, de trabalhadores, se oppuzera á contra-revolução. Acontecia que ella não era a unica autoridade em Paris depositaria de um poder que não procurára. Que devia fazer? Uma eleição se impunha e a forma que devia revestir esse novo governo popular, a unica que se impunha em razão do ideal que exprimia, era a communa, forma tradicional.

Uma questão surgia: a das relações entre Paris e a provincia. Proclamando Paris communa independente, o conselho recém-eleito de modo algum pensava em imitar a instituição da Idade Media. O ideal dos Communistas era a democracia humanitaria. Esse ideal era claro e definido, pois tinha em si a lembrança da tradição parisiense — a lembrança dos Jacobinos da grande Revolução franceza. O que os Communistas queriam era que a vontade dos povos fizesse lei. E eis porque elles se voltavam naturalmente para a Constituição de 93, de inspiração essencialmente jacobina. Essa Constituição, que é admiravel mas nunca foi posta em vigor, permittia ao povo exprimir sua vontade. Os eleitores reuniam-se em assembleas de districto; não se contentariam com eleger delegados á Assembleia nacional e os magistrados locais; discutiriam tambem sobre o mandato confiado aos delegados. A iniciativa das leis

seria tomada nessas primeiras assembleas e assim se inauguraria um governo não representativo, mas directo.

II. — O FEDERALISMO.

A Communa appellou para a França inteira. Se esse apello tivesse sido ouvido, como se esperava, cada districto, cada communa se teriam constituido em governo autonomo. Esses diversos grupos locais teriam formado uma federação por provincia; as federações provinciais por sua vez se teriam fundido em uma federação mais vasta: a Republica federal. Foi por essa Republica que Paris já se havia batido e soffrido tanto. Nella o povo armado teria substituido o exercito permanente, os delegados da Communa, os funcionarios do Estado centralizado, e o Conselho Federal, emanação de todos os grupos locais e provinciais, teria sido um instrumento de coordenação e não de coerção.

III. — JACOBINOS E COMMUNISTAS.

Veem-se bem os pontos communs da Constituição da Republica federal com a Constituição jacobina.

Mas entre as duas Constituições existem todavia diferenças notaveis.

Apresentam semelhança no facto de ambas serem Constituições democraticas, que permitem a todos os cidadãos exprimir sua vontade e excluem todo privilegio. Ambas teem por formula a divisa accita com enthusiasmo por Jacobinos e Communistas: "Liberdade, Igualdade e Fraternidade".

Differem porém grandemente na applicação que fazem dessa formula. Para os Jacobinos, a Assembléa dos representantes investida de um mandato imperativo seria detentora da autoridade da Republica "una e indivisivel".

Os membros das administrações locais não teriam senão funcionarios encarregados de fazer executar as decisões dessa autoridade constituida.

A Communa tinha muito menos interesse em destruir o poder dos tyrannos do que em crear o poder do povo (em que o proletariado occupava um logar preponderante). A independencia das classes, dos camponeses, dos operarios e dos commerciantes, em uma palavra a idea de uma estrutura economica na qual o individuo não é mais que uma parte de um todo complexo, havia sido concebida durante a luta social do

seculo precedente. O communismo proclamava que o proletariado se encontrava em estado de sujeição. Entretanto, mantinha-se fiel ás velhas concepções; e eis porque só raramente conseguiu ser algo mais que uma panacéa doutrinaria, capaz de ser applicada immediatamente ou não fez mais que denunciar a ausencia de "justiça", de "igualdade" ou de "harmonia" na distribuição dos productos sociais.

Em lugar da Republica "una e indivisivel" do Jacobino, os theoreticos da Communa propõem uma Republica federal e social. Para o Jacobino a unidade social é o "individuo", o "cidadão". Para o Communista, a unidade é a associação local, a communa. Para o Jacobino, o poder central é o poder supremo; para o Communista, é o poder da localidade.

IV. — A CONSCIENCIA PROLETARIA E O JACOBINISMO

As diferenças que separam o ideal dos Communistas accentuavam-se tanto mais quanto que existia em Paris, ao lado dos utopistas das escolas de Fourier e de Cabet, uma minoria, fraca porém activa, consciente da causa social do contraste que assignalamos acima. Para os Jacobinos, a sociedade humana se compunha de um numero de individuos que tinham algo de commum: "a natureza humana". Para elles o homem é naturalmente virtuoso e são sómente a imperfeição e a injustiça das instituições sociais que impedem o reinado da Justiça, da Razão e da Igualdade.

A experiencia de oitenta annos de luta social, durante a qual o povo se batera nas ruas em Thermidor e em Vindimario, nas revoluções de Julho e Fevereiro, nas jornadas de Junho; quando Napoleão, o Pequeno, dera o seu golpe de Estado e a revolução de Setembro rebentára após Sedan, tudo isso fizera com que alguns reconhecessem que, sob a apparencia igualitaria da sociedade a burguezia exercia de facto seu dominio, a burguezia cujo direito de propriedade era tido pela grande Revolução como inviolavel e sagrado!

Violar esse direito sagrado por greves, formação de syndicatos e outras "conspirações sediciosas que entravam o commercio", era attentar contra a Republica. A theoria dos Jacobinos revelava-se assim como a expressão das aspirações da classe burguezia. Uma vez percebido esse facto, tornava-se possivel formular uma politica proletaria em opposição com o ideal do estado burguês.

Pretendia-se que a grande Revolução havia tornado a terra habitável pelo povo. A essa theoria se oppunha a de que a revolução devia ser completada em um sentido proletariano.

A Internacional dos Trabalhadores surgiu e estimulou igualmente a actividade do proletariado sob o ponto de vista pratico e sob o ponto de vista teorico.

A Communa differia do Jacobinismo pelo facto de haver nella a consciencia de uma classe proletariana. A concepção de uma "estructura" social composta de individuos era substituida por est'outra de um "organismo" social formado de grupos e de classes. A luta entre a "Natureza Humana e a Tyrannia" substituiu-se pela luta de classe entre o proletariado e a burguesia.

Encarado sob esse aspecto, o ideal da Republica federal era o reflexo da consciencia politica proletariana ainda não inteiramente livre das formas que lhe havia transmittido o periodo revolucionario burguês.

V. -- "DIREITO" E REVOLUÇÃO.

Teremos disso noção mais exata se compararmos a Communa com a Revolução russa.

Neste ultimo caso igualmente a sociedade humana foi tomada de um "frisson" á idéa de "violencia", de "desordem".

Mecanicamente, soítamos o mesmo grito: "anarchia", e denunciámos a "tyrannia" tal qual a haviam feito sob a Grande Revolução e sob a Communa. E assistimos ao mesmo phenomeno curioso: homens que desejavam ardentemente a paz e odiavam a violencia foram forçados a organizar uma guerra colossal afim de poder fazer face ás forças desbridadas da contra-revolução.

Durante o periodo jacobino, ninguem era mais sinceramente pacifista que aquelles que se enthusiasmavam pela Convenção. Entretanto a necessidade obrigou-os a formar o exercito da Revolução, a decretar o recrutamento em massa, meio que tornou possiveis os triumphos de Napoleão.

Na Russia uma colisão semelhante das forças reaccionarias obrigou o pacifista Trotsky a organizar exercitos tão consideraveis que teriam maravilhado "o organizador da Victoria", e a crear "o exercito vermelho", perante o qual os batalhões reunidos de Dumouriez, Hoche, Jourdan e Kellermann não são senão pýgmeus.

Pode fazer-se o mesmo cotejo no que concerne á Communa. Os Communistas foram bruscamente despertos do ex-

tase fraternal com que haviam inaugurado seu governo, pelas balas dos "defensores da ordem e da lei"; tiveram como se sue dizer, de fazer das tripas coração e lutar para defesa da vida — provando sufficientemente bem pelo exemplo de sua ultima batalha heroica sustentada até á morte que é de tradição que o proletario revolucionario morra com alegria em favor do "sonho magnifico de solidariedade humana".

Possuir o poder não é tudo. Cumpre utilizal-o. E, como o observa Marx, a Communa fornece disso o melhor exemplo. Se as questões sociaes se decidissem automaticamente pelo principio de que "o direito é a força", a Communa teria subsistido. O unico elemento que faltava na Communa era o mais necessario: a força, sem a qual nenhum direito jamais foi reconhecido.

Fóra de Paris não havia proletarios. O governo de Versalhes triumphou porque era elle quem tinha a força.

VI. — A THEORIA DA REVOLUÇÃO.

No correr do seculo dezenove o poder crescente do proletariado e em consequencia o antagonismo de classes provocara naturalmente lutas cada vez mais violentas no sentido de melhorar a sorte da classe esbuzhada.

E' instructivo acompanhar durante esse periodo a evolução da organização revolucionaria. A Grande Revolução organizara os cidadãos de Paris em secções e armara-os "para defesa da Revolução". Seu numero, unidade, organização e tambem o isolamento de Paris (devido ao máo estado das vias de communicação) conseguiram fazer prevalecer sua vontade sobre a da Assembléa Nacional.

Mas a medida que o exercito se tornava mais numeroso e que a estrutura administrativa se complicava, os que pensavam em uma revolução deviam cogitar do meio de formar um exercito revolucionario mais forte e minar o moral das tropas do governo. Para isso um comicio do Club dos Jacobinos ou a convocação dos eleitores em suas secções eram meios insufficientes. Organizaram a propaganda em vasta escala. Crearam todo um systema de clubs e sociedades secretas e contemplaram ingenuamente o enfraquecimento da força com que contava a autoridade e a organização de outra força capaz de se apoderar do poder.

Eis o que foi, de 1825 a 1870, com algumas variantes, a teoria revolucionaria popular através do mundo.

Os clubs de 48, a "Liga da Justiça" e os "Frères Fenians" apresentam os mesmos caracteres, posto que o sentimento que provocou sua formação não seja sempre o mesmo. Todavia, a experiência da Communa demonstrou que o problema da revolução não pode ser resolvido de maneira tão ingenua.

A lealdade do exercito nada mais é que um symptoma da adhesão de todos a uma forma de governo. Sómente quando a massa do povo perdeu a confiança nas instituições governamentais existentes e, ademais, quando se torna vital a necessidade de uma revolução, somente então é que é possível uma revolução em nossos dias. A possibilidade de uma revolução repousa antes de tudo sobre uma base económica.

O estudo do desenvolvimento das condições económicas revela a insuficiência, não apenas das instituições burguezas, mas da organização do movimento revolucionario.

D'aqui por diante os revolucionarios de hoje devem cuidar ao mesmo tempo de uma nova organização revolucionaria e de uma nova forma de governo.

Os clubs de 48 e 71 foram os que haviam sido as "secções" dos cidadãos de Paris durante a Grande Revolução.

Os clubs deram origem ao syndicato ou à "trade-union", e estes por sua vez deram novo instrumento à Revolução: o Conselho dos Trabalhadores, — o "Soviet". A transformação da secção jacobina em club communista e "soviet" revolucionario marca as etapas da evolução da sociedade capitalista para o advento da Republica dos Trabalhadores.

T. A. Jackson.

ENQUANTO E' TEMPO...

Recrudesce agora, entre nós, em certos meios, uma insidiosa e nutrida campanha militarista e guerrista tendente à provocação de conflitos armados na America do Sul. O contrarudo José Otizica, em artigos successivos, tem denunciado documentadamente tais sinistros intentos, que uma dúzia de super-patriotas vem alimentando, pela imprensa nacionalista, a serviço de occultos interesses e de ambições inconfessaveis.

O assumpto é de extrema gravidade, interessando principalmente às classes operarias, victimas maiores e eternas de semelhantes manejos.

E' necessario, pois, que os trabalhadores estejam alerta, acompanhando de perto e deslindando a trama negra desses desalmados proventuarios das intrigas internacionaes.

O cabeca ostensivo da campanha de agora é o Sr. Elycio de Carvalho, o mesmo Sargento Albuquerque da brochura *A Caminho da guerra*, digno pendant da brochura argentina de Pedro de Cordoba, *Nuestra guerra*, ambas publicadas em 1917.

O organ principal dessa obra execravel, para a qual foi especialmente creado, é a revista *America Brasileira*, dirigida pelo Sr. Elycio de Carvalho.

O n.º 3 desse mensario contém farta messe de exemplos nesse sentido. Numa analyse entusiastica da *Historia Militar do Brasil*, livro recente do Sr. Capitão Geneserico de Vasconcelos, faz o Sargento Albuquerque a apologia da guerra, clamorosamente, em termos que fazem lembrar os mais ferozes imperialistas e guerristas da Allemanha de Bismarck e de Guilherme II. Exalta-se, ahí, com ardor de paladino, o "principio vital de que só pela força as nações asseguram a sua independencia, o seu progresso e a sua riqueza, e cuja ethica é contraria ás idéas dissolventes e insidiosas do pacifismo, que gera a decrepitude e traz sempre a ruina moral das nações".

Façamos alguns confrontos.

Escreve o Sargento Albuquerque:

"As tendencias pacifistas ou os habitos prolongados da paz, com o seu horror da luta e o seu temor da morte, debilitam os organismos sociais, desvitalizam os povos, dissolvem as almas".

Escrevia o general allemão von Bernhardi, o mais famoso dos modernos theoreticos do militarismo:

"Os esforços tendentes à abolição da guerra não são somente estúpidos, mas absolutamente immoraes e devem ser estigmatizados como indignos da raça humana".

O Sr. Elycio de Carvalho põe a mascara guerreira de Sargento Albuquerque e declara peremptoriamente:

"A idéa da guerra impera sobre o mundo, e a guerra é até necessaria, porque é o instrumento de selecção historica dos povos inconcientes, incapazes, indolentes, envenenados pelo sedentarismo ou entorpecido pela modorra secular do pacifismo".

Repetição literal das doutrinas pregadas pelos militaristas prussianos. Eis o que dizia o citado von Bernhardi:

"A guerra é um instrumento de progresso, um regulador na vida da humanidade, um factor indispensavel de civilização, um poder creador".

Ainda de von Bernhardt:

"A guerra é o maior factor para o avanço da cultura e do poder".

O velho feld-marchal von Moltke não pensava de outro modo:

"A guerra é santa, a guerra foi instituida por Deus".

O paralelo é por si mesmo sufficientemente eloquente para que necessitemos frizal-o.

Mas vale a pena accentuar a contradicção fundamental existente entre o Sr. Elycio de Carvalho guerrista á prussiana e o Sr. Elycio de Carvalho pacifista aliadophilo.

Os aliados, desde agosto de 1914, diziam bater-se precisamente contra o militarismo, contra o espirito guerrista culminante da Alemanha de então. Elles seduziam e conquistavam as sympathias do mundo exactamente com o apregoar suas intenções e seus propositos de defesa do Direito, da Civilização, da Paz, etc., etc. Proclamavam, a cada instante e em todos os tons: esta será a ultima das guerras. Ora, o Sr. Elycio de Carvalho, aliadophilo extremado, que ostenta na lapela as insignias da Legião de Honra, não fazia mais que repetir, naquela epoca, a palavra de ordem: abaixo o militarismo, pela salvação da Humanidade, pela defesa do Direito, da Civilização e da Paz ameaçados pela Germania militarista!

Pois é esse mesmíssimo Sr. Elycio de Carvalho que em 1917, em *A caminho da guerra*, e agora, na *America Brasileira*, apparece-nos a fazer a apologia da guerra e a repisar os velhos conceitos dos von Bernhardt, dos von Moltke, etc... E tudo isso e ainda precisamente a serviço da França...

A contradicção é demasiado transparente para poder occultar atraz de si a escandalosa insinceridade de hontem e de hoje e o interesse mercenario de hoje e de hontem.

Os artigos de Oiticia patentearam bem claramente que essa trama guerrista é manejada por mãos de cupidos negociistas da finança e da metallurgia aliadas. Compreende-se. As industrias de guerra dos paizes victoriosos necessitam, sob pena de derrocada por pleihora (o que já aconteceu á casa Ansaldo, de Italia), necessitam de expansão mundial, de novos mercados pelo mundo. A America do Sul apparece-lhes naturalmente como um esquadro de primeira ordem. Dahi, as missões militares, que ao mesmo tempo, directa ou indirectamente, são tambem missões commerciaes, ao serviço dos fa-

bricantes de armamentos. E dahi as campanhas de desconfianças e intrigas entre os Estados do continente, vehiculadas pela imprensa nacionalista, — aliás perfectamente "internacionalista" em materia de subvenções...

Ora, aos trabalhadores da America do Sul — do Brazil, da Argentina, do Chile, do Uruguay — incumbe uma vigilancia permanente a taes manejos, e não só vigilancia, mas uma acção commum no sentido de evitar-se, entre nós, o agravamento da nefasta e ruinosa politica de "paz armada", cujo fim logico seria a repetição da calamidade europea de 1914-1918.

Está no interesse immediato, concreto, das massas operarias deste continente oppôr-se energicamente contra a megalomania imperialista e guerrista de plumitivos e politicos sem escrupulos, que pretendem, a soldo de ambições estranhas ás nossas mesmas condições economicas e politicas, crear rivalidades artificiaes, fomentando desconfianças abstrusas, alimentando, enfim, uma hostilidade a todos os titulos irracional e maldosa.

São sempre os trabalhadores que pagam o mais pesado tributo á "paz armada" como á carnificina guerreira. Os Pedros de Córdoba, Sargentos Albuquerque e quejandos, num caso e noutro, ficam e ficarão sempre a pregar patriotismo e heroismo, acastellados em seus commodos gabinetes de perversos envenenadores da opinião publica, — e a empalmar proventos e honrarias com as desgraças alheias.

As organizações de combate do proletariado sul-americano, suas federações syndicaes, seus partidos communistas, sua imprensa doutrinaria e corporativa, devem, pois, desde já, enquanto é tempo, cortar o mal pela raiz, contrapondo-se avisadamente e decididamente á trama nefanda dos neo-imperialistas continentaes.

Americo Pacifico.

Camarada! És partidario das doutrinas communistas defendidas e propagadas por este mensario? Pois então é de teu dever diffundir, o mais largamente possivel, o Movimento Communista.

O COMMUNISMO E O ESTADO

Ha, em nosso meio, á direita como á esquerda, muita confusão e falsidade a respeito do ponto de vista doutrinario e da tactica revolucionaria dos communistas em relação ao Estado. Lénine, em seu livro A Revolução e o Estado, liquidou esta questão. Vale a pena ver o que sobre o assumpto disse ha pouco Rappoport, mostrando a sem razão dos que apontam o marxismo — que se não deve confundir com o falso "marxismo" dos deturpadores e mystificadores reformistas da II Internacional — como baseado na acceitação post-revolucionaria do Estado, feita instituição permanente e necessaria. Isto não é certo. Communismo e Estado são coisas que por si mesmas se repellem.

Os anarchistas apontam frequentemente Karl Marx como o fundador do socialismo autoritario. Ora, Marx formulou o argumento mais serio, mais formidavel, contra o Estado, contra o governo do homem pelo homem, contra a exploração politica do ser humano por um outro ser humano. Quando Marx declarou que o Estado, todo e qualquer Estado, não é mais que um conselho de administração de uma classe dominante, cujo papel consiste em assegurar os interesses da classe dominante, em assegurar a oppressão sobre uma outra classe, por isso mesmo declarou elle que o Estado é uma instituição de classe. E como nós queremos a supressão das classes, segue-se que, com a supressão das classes, o Estado de classe deve desaparecer. E Marx retoma a fórmula de Saint-Simon: em lugar do Estado nós collocaremos a administração das coisas. Não serão os homens que serão governados por outros homens. Serão as coisas publicas, a produção, por exemplo, que será administrada por competencias, quer dizer, por operarios, por especialistas.

Ao inaugurar o Conselho Economico de Moscou, o grande discipulo de Marx, o grande chefe da revolução communista, Lénine, declarou textualmente: nós, commissarios do povo, nós, governo communista, nós devemos acabar por desaparecer, cedendo o lugar a vós, Conselho Economico, porque, desde que esteja assegurada a existencia da sociedade communista, não haverá mais necessidade de poder politico. Haverá unicamente a administração economica.

O que nos separa dos anarchistas — de Proudhon, de Bakunine, de Kropotkine — é que nós communistas não to-

mos a ausencia do governo politico como ponto de partida, mas como ponto de chegada. Nós não confundimos o fim o caminho a percorrer. Um cirurgião, que tem em mira a saúde, a alegria, o bem estar de um homem, vê-se não raro obrigado a empregar um meio que parece em contradicção com o fim em vista, isto é, vê-se obrigado a effectuar uma operação quasi sempre dolorosa, a cortar um membro gangrenado. Ha nisso contradicção? Tem elle em vista acarretar soffrimento ao paciente? Não, elle applicou simplesmente um meio de livrar o doente de uma fonte de soffrimento perpetuo. Si nós applicamos os methodos coercitivos, a compressão, numa palavra: a dictadura, que é o dever mais cruel, é necessario que se diga, porque a dictadura é a forma de compressão mais barbara — isso se explica porque não ha outro meio para livrar-se da dictadura-eterna, do privilegio, da exploração do productor pela classe capitalista...

Charles Rappoport

AS SECCAS PERIODICAS NA RUSSIA

O Comité Central de Soccorros aos Famintos, de Moscou, publicou recentemente um quadro comparativo dos annos de fome de 1891, 1906, 1911 e 1921. Segundo os algarismos colhidos, as colheitas brutas, a base de 5 puds por habitante, corresponderam: em 1891, a 3 provincias; 1906, a 5 provincias; 1911, a 6 provincias; 1921, a 12 provincias.

Foram os seguintes os numeros de famintos: em 1891, 16.750.000 pessoas; em 1906, 21.143.000 pessoas; em 1911, 24.951.000 pessoas; em 1921, 25.185.000 pessoas. Em 1891, 19% da população total foram atingidos pela fome; em 1906, 22%; em 1911, 23%; em 1921, 25%. As superficies flagelladas pelas seccas eram: em 1891, de 13.717.000 deciatinas; em 1906, de 16.176.000 deciatinas; em 1911, de 19.714.000 deciatinas; em 1921 de 16.648.000 deciatinas.

Estes algarismos mostram muito claramente que a fome tem sido devido unicamente a factores naturaes e á organização retardataria da economia rural da Russia, organização que os Soviets em quatro annos não puderam transformar totalmente. E ao mesmo tempo patenteam a ignorancia ou a má fé daquelles que pretendem responsabilizar o communismo pela fome actual.

A TACTICA DA INTERNACIONAL COMMUNISTA

A EXPERIENCIA DOS MOVIMENTOS DAS MASSAS

A tarefa essencial que se nos antolha no momento actual é a conquista do proletariado, é a canalização das grandes massas proletarias para a idéa do communismo. Essa questão ficou assentada no primeiro Congresso. No segundo Congresso apresentámos toda uma série de theses relativas aos problemas concretos da nossa politica. Traçamos uma directriz e pretendemos segui-la. Mas, para que isso seja possível, devemos primeiramente passar em revista as experiencias até hoje realizadas nesse terreno. Foi o que em parte fez Zinovieff em seu discurso referente ao Executivo. Devido porém ao proprio assumpto de sua exposição, Zinovieff foi compellido a tratar mais em particular as relações dos diversos partidos com o Executivo, não podendo dest'arte versar todas as questões defluentes dos combates feridos até agora.

O mais importante problema que hoje nos exige solução é o seguinte: — *De que modo os partidos communistas poderão influir, generalizar e intensificar no sentido do communismo os movimentos espontaneos do proletariado e em seguida transformá-los na luta para a conquista do poder.* E' esse um problema de capital relevancia que não pode ser solvido sem que todas as experiencias do nosso movimento, todas as grandes luctas até hoje sustentadas sejam examinadas á luz dos ensinamentos proporcionados por essas mesmas luctas.

A PAREDE DOS MINEIROS INGLEZES

Começo falando dum dos menores partidos communistas, num grande paiz em que se desenvolvem neste momento grandes luctas de classe. Permitti que eu inicie a minha exposição com o exame da attitude assumida pelos communistas ingleses durante as grandes paredes dos mineiros nestes ultimos dias. Eis aqui a razão de assim começar: antes de encetar as minhas explicações sobre a tactica da Internacional Communista quero deixar affirmado este aphorismo: *não existe partido comunista que viva fóra da massa* e, por pequetino que seja, um par-

tido comunista tem sempre o dever de caminhar na vanguarda do movimento de massa que se desenvolve no proprio paiz, e durante as luctas o partido deve concentrar todas as suas forças nesse movimento de massa. Estou que o exemplo inglês nos fornece prova de que os nossos novéis e pequenos partidos communistas não se desempenham ainda dos encargos mais importantes que se impõem nesse terreno. Durante todo o periodo da parede li attentamente o órgão do Partido Communista Inglês, *The Communist*. Cumpre reconhecer que o Partido Communista Inglês, ao contrario do seu órgão precedente, *The Gall*, comprehendeu que era preciso agir no sentido de transformar o proprio órgão e delle fazer um jornal de propaganda de maneira que dê a impressão de estar com o proletariado em todos os pontos, em todas as circunstancias da sua existencia real e não na lua, como sóe occorrer com certos órgãos do Partido Communista. Mas o que é característico nesse jornal é o facto de se não encontrar nelle nenhuma comunicação em torno da actividade desenvolvida pelo Partido nas regiões mineiras. Esse facto, por si só, pareceu-me suspeito. Pedi depois ao camarada Borodiu, que consagrou á parede inglesa um trabalho destinado ao Executivo, fizesse uma "enquête" entre os delegados recentemente chegados de Londres, e baseasse essa "enquête" nos factos relativos á parede dos mineiros. Espero que a maior parte dos nossos camaradas se hão de interessar por ella.

Por essa "enquête" vemos que se realizaram reuniões nos departamentos mineiros, mas que taes reuniões não foram organizadas methodicamente pela direcção central, pelo Partido; eram convocadas apenas por grupos communistas.

Muito bem: pergunto-vos eu com que "mot d'ordre" tomavam parte os communistas ingleses nessas reuniões, que diziam elles ás massas, qual a sua attitude em face da questão da nacionalização e perante as reivindicações hodiernas do proletariado. Um desses camaradas respondeu-me que, "quando subia á tribuna, elle mesmo não sabia em verdade o que ia dizer áquella boa gente; mas que durante o discurso achava sempre nos seus principios communistas as palavras que deviam ser proferidas". Que quer dizer isso? O Partido encontra-se numa phase decisiva da luta proletariana e nem sequer distribui com methodo as proprias forças?

E a distribuição das forças é problema primordial: quanto mais precarias são as forças tanto mais necessario se torna empregá-las com efficacia. Ademais, o Partido não dá o "santo" ás forças que põe em movimento; não diz aos minei-

ros aquillo que é preciso que se lhes diga para hoje e para amanhã. E o que é peor, em muitos pontos o Partido fala através dos "Worker's Committees" e não procura conquistar as massas nos lugares em que a propaganda do Partido obtém successo. Temos por um dever nosso dizer a todos os Partidos Communistas, até aos menos importantes, que jámais poderão contar com a adhesão e apoio das massas si não deixarem de se occupar exclusivamente com a divulgação da theoria communista, ou com a elaboração do communismo; ou si, em face de um movimento similar ao mineiro, elles não tiverem um "mot d'ordre": "Desconfiar dos chefes"; "mot d'ordre" que os communistas ingleses tornaram popular com carradas de razão. Si os Partidos Communistas não ajudarem o proletariado, lutando na vanguarda, participando do movimento como partido communista, se não ajudarem os operarios a aproveitar os ensinamentos da luta, então jámais se hão de vêr á frente das massas operarias. Repetimos o "mot d'ordre" geral: "Com as massas e nas massas". De cada vez que se não adopta essa tactica é um dia perdido para o Communismo; quanto menor fór o partido tanto mais devem sêr suas forças exclusivamente consagradas ao cumprimento desses preceitos.

A LUTA ITALIANA

Perlustrando as occurrencias do anno transacto nelleas distinguimos tres grandes luctas das massas proletarias durante as quaes graves encargos se impuzeram aos communistas. São ellas a luta italiana para a occupação das fabricas, a luta tcheco-slovaca e a acção germanica de março. Consenti que eu vos exponha as consequencias dessas tres lutas, pois é precisamente em seu conjuncto que ellas demonstram exactamente os erros commettidos e illuminam as grandes estradas que devemos trilhar. Vou começar com a experiencia italiana, com o grande movimento de setembro do anno findo e com os sentimentos que delle derivam. Rememoremos summariamente os acontecimentos: o movimento tem inicio nas officinas metalurgicas italianas; arrebanha grandes massas de operarios metalurgicos a tal ponto que o Sindicato Metallurgico é forçado a pôr-se á testa do movimento. Este se alastra pelas officinas de artigos semi-manufacturados ou de materias necessarias á industria metallurgica; estende-se á industria chimica, a bom numero de outras industrias e determina uma atmosphera tal que as camadas mais attingidas do proletariado o seguem. E, como os operarios metallurgicos, assim como os ope-

riarios tecelões e os da industria chimica occupam tambem as fabricas e põem na rua os patrões de hontem e as massas proletarias sem protecção se põem em marcha, originando-se dahi um outro movimento, o movimento dos sem-tecto, os quaes occupam as quintas e os palacios onde se abrigam suas mulheres e suas proles. O movimento propaga-se cada vez mais, estende-se ao campo, começando na Sicilia, dirigindo-se para o sul e centro da Italia, onde os camponeses se movem precedidos pela bandeira vermelha, occupam os grandes predios e formam a guarda vermelha.

Nesta situação em que a classe obreira avança para uma grande batalha, em que até o campo se agita, o problema capital que se nos depara é o seguinte: Que especie de movimento é este? Considerando os factos simplesmente, trata-se de um grande movimento revolucionario das massas. Os operarios põem o joelho aos peitos da sociedade capitalista: atacam a coisa mais sagrada do capital: as officinas e as casas-fortes. Eis senão quando surge Serrati que diz: "Era um movimento puramente syndical." Examinemos isso: um movimento syndical esse em que uma centena de milhares de operarios occupam as fabricas, tentam augmentar o rendimento do trabalho e o conseguem, como attestam centenas de factos; um movimento syndical esse durante o qual os operarios organizam a venda dos productos, movimento que faz saltar as casas-fortes dos capitalistas, que se assenhoreia das reservas para crear um fundo commum, que serve de base para a Federação Metallurgica emitir papel-moeda (vale para viveres) mediante o qual os trabalhadores das cooperativas fornecem os viveres! Portanto um movimento profissional esse que significa nada menos que a tentativa dos trabalhadores para se apoderarem das raizes mesmas do poder capitalista dos industriaes. A situação creada nesses dias não poderia ser mais bem exposta do que pelas seguintes palavras do Presidente do Conselho Italiano, Giolitti, pronunciada no Senado a 26 de setembro:

"Quando foram occupadas as fabricas, segundo os que criticam hoje a acção do Governo, eu podia agir de duas maneiras: ou impedir a occupação, ou, caso não chegasse a tempo, fazer evacuar as officinas pela força publica. Impedir — é facil de dizer: trata-se de 600 fabricas da industria metallurgica. Para impedir a occupação deveria ter supposto poder chegar com a rapidez do raio, antes que as officinas fossem occupadas, deveria ter aquartelado uma guarnição inteira naquellas diversas fabricas, com uma centena de homens nas menores e pelo menos mil homens nas maiores. Deveria ter empregado toda a

força armada á minha disposição para occupar as fabricas; mas agora eu vos pergunto: quem teria refreado os 500.000 trabalhadores expulsos das officinas? Quem teria assegurado a tranquillidade do Paiz? Exigem portanto de mim ou de uma previsão impossivel dos acontecimentos, ou um acto que, houvesse-o eu praticado, teria posto a força armada do Estado nas condições do sitiado e te-la-ia immobilizado. Houve assim por bem repellir semelhante alternativa. Devia então evacuar as officinas com a força armada? E' evidente que teria dest'arte dado logar á luta armada, isto é, á guerra civil. E' isso depois que a C. G. T. tinha solemnemente declarado excluir qualquer idéa politica do movimento e que este devia ser mantido nas margens de uma luta economica. A C. G. T., em que eu então depositava confiança, demonstrou ser digna de tal confiança pois que a grande massa dos operarios aceitou as suas propostas. Se tivéssemos recorrido á força se houveramos feito uso de armas, e mandado a guarda regia e os carabineiros reprimir os 500.000 trabalhadores, sabem muito bem os meus adversarios aonde eu teria levado o Paiz".

Essa declaração de Giolitti, o mais astuto representante do capital italiano, diz tudo: 500.000 operarios se achavam em campo na luta revolucionaria. O Governo era impotente e a burocracia syndical, em que o Governo depositava confiança e que por sua vez tinha confiança no Governo, interrompeu a luta, entabou negociações, perfeitamente convencida de que tudo quanto ella obtivesse não teria mais significação alguma no dia em que os operarios restituissem as fabricas.

A' frente da C. G. T. ha pessoas que se apresentaram entre nós como communistas e que pouco antes pertenciam á Internacional communista. E' essa Confederação firmou um pacto com o Partido Socialista Italiano em virtude do qual o Partido collabora com ella. Ora bem: a que havemos assistido na Italia? Na luta tomam parte os operarios syndicalistas anarchistas; o Partido socialista sabe que a burocracia syndical quer suffocar a luta, mas que os operarios querem combater. O Partido não pretende que os representantes desses operarios tomem parte nas consultas. Alem da Confederação existem as organizações dos Ferroviarios e dos Trabalhadores dos Portos. O Partido não pretende a participação dos representantes dessas organizações; quer ter a maioria e propõe a luta. A burocracia syndical declara: "Interrompamos a luta e obtemos a fiscalização da producção." O Partido vê-se em minoria, submete-se e adapta-se. O resultado já o conhecéis. Perguntei hoje a alguns camaradas italianos, que era

feito do "contrôle" na Italia. O Governo não apresentou a respeito nem um "chiffon de papier" ao Parlamento, comquanto se houvesse então empenhado por escripto em ratificar mediante lei, a fiscalização de producção por parte dos trabalhadores no caso que estes restituissem as fabricas aos seus antigos proprietarios. Ao terminar a luta o órgão dos reformistas festejou a conquista da fiscalização da producção como grande victoria. Affirmou que enfim os dois elementos — capital e trabalho — poderiam collaborar; o trabalho exercitaria a sua vigilancia sobre o capital para impedi-lo de roubar e os capitalistas por seu turno fiscalizariam os trabalhadores para fazel-os trabalhar. Até o cambio, que andava então baixissimo, parece que ascendeu um pouco. Mas, quando os trabalhadores restituiram as officinas, começou a selvagem campanha "fascista" contra os operarios e começaram os systematicos ataques ás diversas Organizações obreiras. São incendiadas, umas após outras, as Camaras do Trabalho e as Redacções dos jornais do Partido em Milão, em Roma, em Trieste, em Genova, em Brescia, em Bologna; carrega-se contra os trabalhadores e milhares delles são encarcerados. O Governo procede habilmente aprisionando em massa os dirigentes anarchistas ou syndicalistas que haviam agido fóra do Partido Socialista. A grande luta da classe obreira corrompe-se, pois o Partido socialista italiano não tinha senão uma idéa durante a grande corrente revolucionaria que se estendia pela Italia: "Praza a Deus seja possivel afastar de nós o cálice amargo da revolução!" Não sabemos se em tal circumstancia era possivel a conquista do poder; muitas coisas, porém podiam sér obtidas e antes de quaesquer outras estas duas: a fiscalização real da producção, não como meio de fazer subir o cambio do Estado capitalista, senão como meio de concentrar os operarios em Organizações proletarias contra o Estado capitalista e como meio de armá-los.

A não ser possivel nessa luta conquistar o poder, a classe obreira teria no minimo dado forte combate ao capitalismo, sob a direcção do Partido communista. Nesse combate ser-lhe-ia possivel crear ou conquistar novas posições importantes para as proximas lutas; e na peor das hypotheses, ainda que a classe trabalhadora fosse desbaratada, surdiria desse desbarato rica de novas experiencias e ensinamentos novos. O Partido socialista evitou a luta e todavia pretende ter crescido a sua influencia e ter obtido mesmo novos suffragios nas eleições.

Certamente a revolução, o desenvolvimento dos antagonis-

mas castigam para o nosso lado os trabalhadores, ainda quando comettemos erros mais graves; mas se comettemos erros, os operários não podem ter conhecimento exacto do caminho a seguir, nem ter confiança nas próprias forças. Votam em nós, é certíssimo; mas em quem quizerem que votassem? Nos capitalistas? Contudo, a consciencia da propria força fica diminuida no proletariado. As posições importantes mediante as quaes a victoria seria possível, se não completa, ao menos parcial, estão hoje perdidas e o resultado de tudo isso é a consolidação cada vez maior do capitalismo. Antes das eleições na Italia uma reformista italo-tudesca, Oda Olderg, que vem acompanhando, com attenção e intelligencia, ha dezenas de annos, o movimento italiano, escrevia no *Vormsaerts*:

"A burguezia tem hoje maior consciencia de si mesma por que o Partido Socialista Italiano demonstrou ter medo da luta".
Setembro de 1921. *Karl Radek*

CONGRESSO DOS POVOS DO EXTREMO ORIENTE

Em 21 de janeiro ultimo reuniu-se em Moscou o Congresso dos Povos do Extremo Oriente, convocado pelo Executivo da Internacional Communista.

Cerca de 140 delegados compareceram ao Congresso. 36 chinezes representavam uns o Partido Communista, outros o Partido Revolucionario Republicano de Sun Yat Sen. 15 japonezes representavam o Partido Communista e os grupos communistas anarchistas. 51 coreanos foram delegados por diversas organizações communistas regionaes. O Partido Popular da Mongolia fez-se representar por 14 delegados. Finalmente 12 delegados representaram o povo Buriata e as Federações communistas das Indias neerlandezas.

A notar que o conjunto dos delegados comprehendia quarenta por cento de operarios.

Foi a seguinte a ordem do dia do Congresso:

A Conferencia de Washington e suas consequencias;

Relatórios dos diversos delegados;

Os trabalhos dos communistas no Extremo Oriente e suas relações com as organizações revolucionarias nacionalistas.

O russo e o inglez foram as linguas officiaes do Congresso.

A REVOLUÇÃO E SUAS REALIDADES

Os artigos de Vilkins, publicados originariamente no Liberaire de Paris e depois reproduzidos por boa parte dos jornaes libertarios dos dois mundos, têm constituído como que a pedra de toque da campanha movida contra o communismo russo pelos anarchistas chamados "puros" ou anti-dictatoristas. Victor Serge, que é um anarchista russo bastante conhecida em França e que, como authentico revolucionario, prefere colaborar effectivamente na Revolução ao enves de deblaterar á distancia, sobre a Revolução, tem respondido vantajosamente aos ataques de Vilkins. Traduzimos adiante um de seus artigos, datado de Petrogrado e já velho de um anno quasi, mas ainda actual e merecedor de ampla divulgação entre nós.

A campanha do *Liberaire* contra a dictadura e o bolchevismo, longe de ser absurda, perigosa e calumniosa, — o que eu havia dito, — não visa, segundo Wilkins, senão restabelecer os factos...

Que factos? Ha um facto historico grandioso, dum alcance incalculavel: em outubro de 1917, na Russia, pela primeira vez na historia moderna, os proletarios expropriaram os ricos. Elles o conseguiram graças á audacia, á iniciativa, á organização dos bolchevistas. Elles se mantiveram em seguida victoriosamente pela dictadura dos pobres contra os ricos, dos revolucionarios contra os reaccionarios, os indifferentes, os hesitantes. Elles assim começaram a Revolução mundial, abriram uma era nova, realizaram uma experiencia social prodigiosa.

Ora, é a grandeza e a significação desse facto que são deformadas systematicamente por uma critica libertaria parcial preñhe de preconceitos tradicionaes e sobretudo insufficientemente esclarecida. Combater o principio da dictadura revolucionaria sem provar que se póde fazer a revolução por outros meios, é absurdo. Combater o movimento de bello entusiasmo que leva neste momento os trabalhadores do mundo a amarem e mesmo idealisarem um pouco a Russia dos Soviets é perigoso para esta ultima, cuja existencia é todos os dias um problema e que tem necessidade, para viver, de todas as sympathias activas, perigoso ainda mais para o movimento anarchista que estes erros ameaçam fazer desviar e fracassar como succedeu na Russia, quando um grande papel lhe cabe na transformação social, por pouco que os libertarios saibam

encarar praticamente as necessidades das horas decisivas. Em fim, deliberadamente sublinhar os erros de uns, augmentar certos factos, publicar outros sem os explicar e mostrar as causas, tudo isso equivale a calumniar a Revolução russa.

ASCETISMO E PRODÍGALIDADE

Dito isto, não julgo inoportuno proval-o rebatendo quasi linha por linha tudo o que ha de inexacto e tendencioso no artigo de V., publicado no *Libertaire* de 18 de Abril ultimo. Não sei si o camarada Trotsky carece de linho (isso não me admiraria muito); mas sei, e isto é notorio aqui, que a immensa maioria, os 99% dos communistas em destaque, destes que dirigem o paiz inteiro, carecem muitas vezes das cousas mais indis. ensaveis. Vi durante todo o outomno o presidente da commissão extraordinaria de Petrogrado com botas muito... estragadas. Tenho visinhos, militantes dos mais conhecidos, cujos companheiros carecem de sabão, etc., etc. Fez-se, portanto, para manter os delegados operarios, estrangeiros, (e sem duvida a sua vizinhança immediata foi indevidamente beneficiada) um esforço talvez excessivo, pois penso que a elles nada faltou. Isto prova somente, num povo reduzido á fome e num partido revolucionario em que o ascetismo é muito comntum, uma hospitalidade carinhosa e prodiga, um pouco ingenua — convindo eu, de resto, que ella tem aspectos deploraveis.

PROSTITUIÇÃO

E' verdade que a prostituição ainda não desapareceu completamente da Russia. Qual o revolucionario que imagina se possa, em tres annos de guerra civil, debellar uma molestia social? Emquanto durar a escassez, e emquanto a reeducação social do homem e da mulher não estiver terminada, a prostituição não desaparecerá. Isto é evidente. Mas é preciso constatar que ella é infinitamente menor na Russia que em qualquer outro lugar, por isso que, desde agora, ella está atacada nas suas causas. Em comparação com as grandes cidades da Europa (Paris, Londres, Berlim, Barcelona) pode-se dizer que não ha quasi prostituição na Russia. Sendo um facto a egualdade completa dos sexos, si em tempo de fome é tão difficil de se alimentar a mulher como o homem, resulta dahi que jamais a mulher será collocada em estado de desigualdade pe-

rante o homem. Além disso, a Communa distribue a todos um *minimum* de viveres, gratuitamente, e isto já é muito. A Communa esforça-se por alimentar os sem-trabalho, e de prover ás necessidades da mãe e do filho. Certo, a penuria geral não permite que esta "previdencia social" desempenhe por completo a sua missão, mas tudo o que é feito é já consideravel, já util, já repleto de consequencias visiveis.

HABITAÇÕES OPERARIAS

V. escreve que somente os communistas ou altos funcionarios estão confortavelmente alojados. E elle insiste sobre este erro, que ousou qualificar de calumnioso.

Nas capitães, todos os grandes hotéis foram transformados em habitações communs. O mais bello hotel de Petrogrado, o Hotel da Europa, aloja actualmente os filhos dos operarios; um outro, o Hotel de França, foi por muito tempo habitado por soldados vermelhos e aspirantes; o Hotel Regina transformou-se em Casa do Soldado vermelho e lazareto.

Todas as habitações ricas, com todo o mobiliario e objectos de arte, que continham, foram, em 1918-1919, distribuidas á população operaria que, infelizmente, não soube delles utilizar-se; e era mesmo um triste espectáculo destas magnificas moradias modernas, ricamente mobiliadas, serem estragadas por operarios atrazados que não calculavam o valor do bem social que se lhes offerencia. Pude observar, em casos taes, tudo o que ha de tragico na incultura da massa proletariana no dia seguinte á victoria. Muitas vezes mesmo os trabalhadores preferiram ficar ou voltar para os pobres casebres a que estavam habituados.

Trouxe para a Russia uma numerosa familia de operarios expulsos de França. A' chegada, foi-lhe offeredo alojamento no Palacio de Inverno, nos aposentos das gran-duquezas, e, finalmente, deram-lhe, na cidade, a moradia de um senador, quasi intacta.

Unicamente é preciso acrescentar que somente os communistas, quasi, é que souberam conservar em bom estado as habitações confortaveis que expropriavam. Seria evidentemente injusto fazer-lhes qualquer censura.

PRIVILEGIOS

Outros "privilegios" que V. denuncia:

Theatro. O theatro é (em Petrogrado) gratuito para toda a população. A Opera, cujo corpo de bailado é famoso, A

Opera, onde Chabrine canta, dá, por semana, dois espectáculos para os syndicatos, um ou dois para o exercito vermelho, um para as escolas, um para os estudantes.

Os *telephones* continuam nas habitações particulares, em que estavam, e os moradores dispõem delles livremente e gratuitamente como das casas.

Os *automoveis* foram postos pelo Soviet á disposição das pessoas cujo trabalho exige deslocamentos rapidos e frequentes. A quem quer que seja é prohibido o seu uso fóra do serviço.

ELEMENTOS ATRAZADOS

Dizer que "os bolchevistas obrigam, pelo terror, o povo a vir onde elles querem" (etc., etc., ver, ai de mim! o *Liberaire*) é quando muito constatar com Karl Radek, que o affirma claramente (1), que a dictadura da minoria revolucionaria poderá tambem exercer-se sobre os elementos atrazados da massa.

Na Russia, veem-se ainda pessoas — pobres — ajoelha-rem-se nas ruas diante das portas das egrejas. O grito de "Morte aos yupins!", signal dos pogromes, é das mais populares em algumas regiões.

Assim como houve, na França de 93, camponezes pobres, vendeanos, que se fizeram matar pelo senhor e pelo rei catholico, ha tambem um pobre povo, na Russia, que por muito tempo tem esperado a volta do *barine*. E se não houvesse á testa da Revolução russa uma minoria energica e bem organizada, aquelle elemento, que tem por si as forças do passado, teria vencido.

ABRIR CAMINHO...

"Não ha na Russia nem socialismo nem Communismo", escreveu V., com uma desconsoladora candura. E' verdade, camarada, não ha senão uma sociedade que se bate pelo communismo e que seria infallivelmente vencida se os revolucionarios do mundo, depois de a terem ajudado tanto como vós e ajudastes, a julgassem e condemnassem como vós fazeis...

Ha, pois, ingenuos que acreditem possivel o instituir-se em tres annos de guerra civil — acerrima — num paiz arruinado, inculto, hontem submettido ao despotismo asiatico dos tzares, num paiz, cuja immensa maioria da população é composta de pessoas analphabetas, superticadas, — o communis-

(1) — O *Menchevismo á luz da Revolução*.

mo libertario, isto é, á abastança para todos, a egualdade, a fraternidade? Semelhante ingenuidade seria difficil de qualificar. E' concebese que ella impeça de ver o immenso esforço realizado para abrir — apesar da inacção do proletariado mundial — os caminhos ao livre communismo do futuro.

EXERCITO VERMELHO

Igualmente se concebe que basta a um camarada assim ingenuo passar oito dias no exercito vermelho de um paiz, como a Russia, de que elle não conhece nem a lingua, nem os costumes, para que a desillusão o domine — o que, de resto, não prova nada.

O que prova, ao contrario, alguma cousa, são as victorias do exercito vermelho. E' tambem o juizo que delle fazem os anarchistas que o defendem e se deixam matar por elle. Anarchistas — syndicalistas (grupo do *Goloss-Trouda*), anarchistas — universalistas, união dos anarchistas americanos, anarchistas communistas (Federação Pan-russa) etc.

Talvez organize um dia a lista dos militantes anarchistas bem conhecidos que morreram no exercito vermelho: são muitos!

Quanto ás organizações acima mencionadas, ellas (ou seus militantes mais conhecidos) têm formulado apreciações inteiramente favoraveis ao exercito vermelho, em muitas occasões.

MAKHNO

A maior parte dos militantes das tres primeiras organizações anarchistas citadas, e bom numero de membros da quarta, consideram o movimento de Makhno como completamente degenerado em banditismo e não manifestam a seu respeito neahuma sympathia: ao contrario. Creio que era esse o ponto de vista de Kropotkine.

Acrescentarei a isso que tenho visto camaradas libertarios voltarem de junto de Makhno completamente desesperados e que numa declaração official, datada de março de 1920, a Confederação dos anarchistas ukraínianos, do *Nabat* (O Rebate), que, sozinha, sempre defendeu Makhno, julgava dever retirar a sua responsabilidade desse movimento de que ella dizia que "unia ao devotamento revolucionario, á tenacidade, ao espirito de sacrificio, os preconceitos do camponio", que "se obser-

vam nelle a embriaguez, o antisemitismo, as idéas mais confusas sobre o Anarchismo" — e que não se deve, em caso algum, confundil-o com o movimento anarchista (repetido duas vezes num texto de 40 linhas).

Eis a verdade. Isto não impede, aliás, que esta permanente jacquerie ucraniana, cujos feitos mais frequentes constituem na parada e pilhagem dos trens (como no *Fov West*, ha pouco), seja idealizada a distancia, na Russia mesmo, por excellentes camaradas. Concordo.

ANARCHISTAS PRESOS .

Sobre os anarchistas presos, eu já descrevi a alguns camaradas diversos desses typos. Contei-lhes como foi necessario, em 1919, prender, a bordo duma torpedeira dois marinheiros libertarios que faziam, sob os canhões do imperialismo inglez, a velha, propaganda antimilitarista! — como os anarchistas, em diferentes occasiões, ora sob futeis pretextos, taes como a introdução dos *Registros de trabalho*, destinados a impedir a população da pequena burguezia de se subtrahir á obrigação do trabalho, ora em circumstancias graves (como ultimamente quando da penuria geral, a impaciencia de uns, o descontentamento de outros, a impulsividade de terceiros, ameaçavam desencadear subitamente sobre a Russia vermelha esgotada a terrivel vaga da reacção) appellaram para o povo afim de "executar os commissarios, assaltar as sédes do Partido comunista e instituir o anarchismo (*sic*)".

Communiquei que houve anarchistas — reprovados logo por todas as organizações anarchistas existentes — para atirarem uma bomba numa reunião communista de Moscou (matando 12 militares e ferindo 55) e que todos esses factos foram a causa de innumerados e deploraveis malentendidos. Porque, assim como o "socialismo" se estende do profano Scheideman e Renaudel a Lenine, o anarchismo vae de Chatov ou Novomirsky — dois nomes muito conhecidos — devotados ao communismo, passando por Kropotkine, leal e reservado, aos allucinados que commeteram o crime de 25 de setembro de 1919.

O grande mal do anarchismo russo é não poderem os seus elementos mais conscientes deter a corrente dos irritados, dos impulsivos, dos revoltados fallhados que querem "a anarchia immediatamente" e, não comprehendendo que o communismo libertario não pode ser senão o fructo duma organização pro-

gressiva da produção socialisada e da reeducação dos trabalhadores, julgam dever combater cegamente os seus irmãos mais praticos.

Ha, pois na Russia, libertarios e libertarios. Terho mostrado sufficientemente o devotamento e as idéas daquelles que defendem o regimen dos Soviets e a dictadura revolucionaria; penso que são estes que não de crear o movimento libertario russo do futuro, quando se tiver feito o calculo dos erros que levaram o anarchismo á sua derrocada actual.

V. cita um facto, que não conheço, que se teria passado na prisão de Bourtirky. A guerra social é a mais dolorosa das guerras. Dão-se, nella, frequentemente, eu o sei, espectaculos tão pungentes, sob outros aspectos, como os da guerra das trincheiras. Não é dado a ninguem — homem ou partido — evital-os. O encarnicamento no combate, o perigo mortal em que se vive, a insensibilidade de uns, o odio de outros, têm, algumas vezes, consequencias terriveis em todas as revoluções. Ninguem o pode impedir.

O que importa é sobretudo a questão de principio: os revolucionarios lutando pela vida — a sua e a da Revolução — poderão consentir que outros revolucionarios — mesmo animados das mais puras intenções! — os ataquem pelas costas?

A esta pergunta os proprios anarchistas russos têm recentemente respondido prendendo, muitas vezes, nos seus proprios centros diversos "culpados", "suspeitos", "perigosos dissidentes" e, algumas vezes, fusilando-os.

Para terminar seja-me permittido precisar que, escrevendo cartas completamente livre e por iniciativa propria, não tenho senão o objectivo de fazer mais conhecida a Revolução social, de que me foi dado ser testemunha, e tornar evidente á luz de idéas, que são as minhas desde muito tempo, a lição, afim de evitar que os meus irmãos de idéas mais proximos, os communistas libertarios, recomecem os erros dos anarchistas russos.

Victor Serge.

O melhor meio de auxiliar a publicação do Movimento Communista consiste em angariar-lhe novos assignantes. ♦ ♦ ♦ ♦ ♦

A SITUAÇÃO OPERARIA NA PERSIA

A Persia é um país semi-feudal, que ainda não passou para o regimen industrial da nossa época. Domina ali a primitiva industria pastoril, que desaparece lentamente, sob a influencia da politica colonial dos imperialistas europeus. Inundando o mercado persa com suas mercadorias, que expulsam os productos da manufactura indigena, elles transformam os artesãos locais em simples proletários.

Este processo, empobrecendo a industria pastoril persa, ainda mais se acelerará quando a Persia for atravessada por uma grande rede de estradas de ferro. Si a industria pastoril ainda existe, deve-se isso a que os europeus necessitam de caravanas para transportar suas mercadorias, o que as torna mais caras que os productos de fabricação indigena. Tal não mais succederá quando a Persia estiver recortada abundantemente por estradas ferreas. A industria local não poderá então supportar a concorrência da industria pastoril.

A aglomeração das massas sem trabalho constitue uma fonte rica de recrutamento de braços para as industrias capitalistas nacionaes, cujo numero augmenta desde a retirada dos inglezes, que suffocavam a industria local afim de melhor desenvolver os seus negocios.

Por enquanto a classe operaria persa representa uma pequena camada subposta á grande massa dos pequenos industrias e artesãos. Operários em algumas fabricas de fumo, usinas electricas, funcionarios publicos na maioria dos correios e telegraphos, empregados no commercio, pescadores, ferreiros, trabalhadores em carvão de lenha, ferroviarios, além dos que trabalham como officiaes nas industrias pastoris — eis todo o operariado persa, que pode organizar-se em associações de classe.

Quasi que não existe movimento profissional, o que torna a situação do operariado persa muito angustiosa.

Uma jornada sem fim, que alcança 16 horas diarias sem interrupção para nenhum alimento ou descanso; ausencia de dias feriados; terriveis condições anti-hygienicas de vida; tudo isso torna insupportavel a existencia do operario persa, reclamando como imprescindível a organização syndical.

Isto é tanto mais necessario quanto em muitas cidades já existem grandes massas de operarios, como, por exemplo: em

Teheran, onde se contam mais de 12.000 proletarios; Ispahan, perto de 15.000; Tabriz, 20.000; Ardebinsk, 6.000, etc.

Grandes problemas a resolver terão as organizações que surgirem, tanto para melhoramento do estado economico como para elevação do nivel da cultura da massa.

Algumas iniciativas tem sido tomadas neste sentido, como, por exemplo, a União dos Graphicos de Teheran, dos Ferroviarios de Tabriz e outros de Ardebinsk, Resli e Enzeliz, fazendo-se porém necessario introduzir nesse processo de organização um plano methodico e efficaz.

X. Eids.

A FAMILIA COMMUNISTA

O camarada Rakosi publicou, na "PRAVDA" de 31 de novembro ultimo, uma estatística dos 51 partidos componentes da Internacional Comunista. Rakosi faz notar que essa estatística é ainda incompleta, dando porém uma idéa sufficientemente approximada das forças numericas da Internacional.

Eil-a tal qual foi publicada:

Países	N. de adherentes	Diarios	Periodicos
1 America do Norte	10.000	7	31
2 Austria	18.000	1	3
3 Inglaterra	10.000	—	3
4 Argentina	5.000	1	1
5 Australia	1.500	—	2
6 Armenia	5.000	—	1
7 Azerbeidjan	16.000	—	—
8 Bulgaria	40.000	1	11
9 Belgica	1.100	—	1
10 Rep. de Bukhara	6.000	—	2
11 Hungria	—	—	1
12 Grecia	2.000	1	3
13 Allemanha	360.000	33	9
14 Tcheco Slovaquia	360.000	7	46
15. Hollanda	4.000	1	2
16 Republica Sovietista da Georgia	11.000	4	5
17 Republica Sovietista das Montanhas	10.000	—	—

18 Dinamarca	1.200	1	1
19 Rep. Sovietista de Deghestan	7.000	—	—
20 Rep. do Extremo Oriente	7.095	6	—
21 Egypto	1.500	—	—
22 Italia	70.000	3	12
23 Hesperia	10.000	—	6
24 Islandia	3.000	1	—
25 Canada	1.000	—	1
26 China	—	—	—
27 Corea	—	—	—
28 Luxemburgo	600	—	1
29 Java	4.000	—	1
30 Letonia	—	—	—
31 Mexico	1.200	—	3
32 Noruega	97.000	14	22
33 Polonia	—	—	—
34 Persia	2.000	—	1
35 Palestina	500	—	—
36 Portugal	400	—	1
37 Rumania	40.000	3	6
38 Russia	550.000	500	69
39 Turquia	—	—	—
40 Rep. Sovietista da Ulerania	61.000	45	2
41 Uruguay	1.500	1	—
42 França	130.000	3	20
43 Finlândia	40.000	3	6
44 Republica Popular de Khiva	1.000	—	1
45 Chile	—	—	—
46 Suécia	15.000	2	10
47 Suíça	6.000	3	1
48 Esthonia	3.000	1	—
49 Yugo Slavia	85.000	4	8
50 America do Sul...	750	—	2
51 Japão	900	—	2
52 Internacional das Juventudes Com- munistas	800.000	—	50
Totales	2.800.245	646	351

Como se vê, o total não é exacto, pois faltam os algarismos referentes á Hungria, China, Corea, Letonia, Polonia, Turquia e Chile. Igualmente são inexactas as cifras referentes ao Azerbeidjan á Republica Sovietista das Montanhas e á Republica Popular de Chiva.

Os partidos da Hungria, Cofea, Letonia, Polonia e Japão têm existencia illegal. Ultimamente, devido á repressão, tambem o partido da Yugo Slavia trabalha illegalmente.

Os numeros concernentes ao partido da Russia são provisórios devido á depuração feita ha pouco em suas fileiras.

“Estes algarismos, escreve Rokosi, não necessitam de commentario. Não ha no mundo um só paiz em que não exista partido communista ou grupo communista que conduza as batalhas do proletariado contra o capitalismo. Compete á Internacional Communista fortificar esses grupos de luta, desenvolvê-os, ligal-os uns aos outros e ás massas operarias para o instante em que terá de entrar, com toda as forças unidas, em luta contra o capital mundial”.

E deixemos consignado, com tristeza, o facto de não vermos o Brasil nessa estatistica, onde figura apenas incorporado sob a classificação geral — America do Sul. Mas tudo vem a seu tempo. Esperamos firmemente que numa proxima estatistica tambem se inclua o proletariado do Brasil, organizado num vigoroso partido communista em estreita collaboração com a Internacional. Para isso estamos trabalhando!

OS NOVOS COMMISSARIOS DO POVO

O novo Comité Central Executivo dos Soviets approvou a lista seguinte dos commissarios do povo:

Presidente do Conselho: Lénine; vice presidente: Rykov; commissario do abastecimento: Brukhanov; commissario do commercio exterior: Krassine; commissario da instrucção: Lunacharsky; commissario do interior e dos transportes: Dzerjinsky; commissario da guerra e da marinha: Trotzky; commissario dos negocios estrangeiros: Tchetcherine; commissario da justiça: Kuresky; commissario da hygiene: Semochtko; commissario das finanças: Krestinsky; commissario dos correios e telegraphos: Dugalevsky; commissario do trabalho: Schmidt.

OS OPERARIOS DO MEXICO E O CAPITALISMO NORTE-AMERICANO

Noticias de ha pouco annunciavam que varios milhares de trabalhadores da industria textil de Puebla e dos arredores haviam proclamado a Republica dos Soviets. Para quem tera seguido de perto os acontecimentos destes ultimos annos, no Mexico, uma tal nova não é tão surpreendente como poderá parecer á primeira vista. O Mexico é talvez o paiz em que o capitalismo se tem mostrado, estes ultimos tempos, sob suas formas mais odiosas e mais brutaes.

As grandes conquistas do capitalismo americano, no Mexico, datam do governo de Diaz. Era a idade de ouro da gente de Wall Street e dos reis do petroleo, os quaes, para se apoderarem das fontes de materias primas, apenas necessitavam de corromper tal ou qual funcionario. E' assim que o povo mexicano, sem se dar conta disso, se encontrou, um bello dia, economicamente escravizado á America. Tudo que se tem passado depois no Mexico não constitue, em summa, sinão uma serie de tentativas, de resto vãs e infructuosas até hoje, para sacudir esse jugo.

LEVANTE AGRARIO

A primeira dessas tentativas, da qual resultou a queda de Diaz, tivera primeiro um caracter sobretudo agrario. Era uma revolta dos camponeses pobres contra os senhores semi-feudaes. Logo porém que subiu ao governo, Carranza bem depressa comprehendeu que os inimigos do povo mexicano eram antes de tudo os capitalistas americanos, cubicosos das riquezas naturaes do Mexico. Carranza entrou pois em luta contra a America; os conflictos se succederam, mas sem grande exito para o Mexico. Os capitalistas americanos dispunham de grandes meios para atingir os fins em vista. A poder de dollars organizavam revoltas militares, fomentavam levantes de quadrilhas de bandidos, faziam "kidnapper" os chefes do movimento operario. As relações diplomaticas entre os dois paizes tornavam-se tensas.

Em seguida verificaram-se as eleições presidenciaes de 1920. O general Obregón foi eleito. Antes, porém, de o reconhecer, a America estabeleceu uma serie de condições. O que sobretudo a incommodava era o artigo 27 da nova Constitui-

ção. Esse artigo prohibia que estrangeiros attingidos pelas leis mexicanas appellassem para seus respectivos governos. Visava-se igualmente o projecto de nacionalização das minas. Os governos de Washington, de Paris e de Londres haviam já protestado contra esse projecto, e a America ainda recentemente declarou que não podia reconhecer o governo de Obregón sinão quando os direitos dos americanos fosse garantidos no Mexico.

CONTRA OS CAPITALISTAS ESTRANGEIROS

O povo mexicano se acha farto de trabalhar para os capitalistas estrangeiros. E o que se passa neste momento, no Mexico, é uma dessas manifestações, aliás numerosas, de um sentimento ao mesmo tempo anti-capitalista e nacional, em que o odio ao capitalismo se confunde com o odio ao americano.

A' frente desse movimento se encontram os operarios mexicanos, que constituem a parte da população mais sacrificada pela invasão americana. O movimento operario tem feito grandes progressos no Mexico, nestes ultimos tempos. Comquanto seja um paiz em que a instrucção é das mais rudimentares, os factos falam uma linguagem tão clara que não são necessários longos desenvolvimentos theoreticos para fazer comprehender aos operarios o que é a luta de classes e o capitalismo. O communismo, nesse movimento, tem desempenhado um papel decisivo.

Os operarios mexicanos, apoiados por toda a população, não queriam que as riquezas do paiz aproveitassem unicamente um punhado de exploradores. Assim é que, ultimamente, no Estado de Vera Cruz, passou uma lei ordenando que todas as industrias partilhassem seus lucros entres os operarios, lei cujo effeito retroactivo devia remontar ao mez de fevereiro de 1917. Essa lei não era de molde a agradar á America.

Os progressos do movimento operario se accentuaram, sobretudo depois que os syndicatos se subtrahiram á influencia nefasta de Gompers. E o proletariado do Mexico chegava naturalmente ás unicas soluções claras e precisas: as soluções do communismo.

AS DUAS POLITICAS DA AMERICA

A America, seguramente, não deixará de aproveitar o pretexto dos actuaes acontecimentos para intervir no Mexico. De resto, não é de agora que os imperialistas americanos pregam a intervenção armada. Uma sub-commissão do Senado

A

3

+ INTERNATIONAAL +
INSTITUUT
VOOR
SOCIALE GESCHIEDENIS

- I.I.S.G. -



AMSTERDAM

